**Nísia Floreta – Dados Biográficos**

Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), conhecida como Nísia Floresta, nasceu em um povoado do Rio Grande do Norte e faleceu na França, em Bonsecours, nos arredores de Rouen. Era filha de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, um advogado português, que se fixou no Rio Grande do Norte e de uma brasileira, Antonia Clara Freire. Quando do casamento de seus pais, sua mãe era viúva e possuía uma filha do primeiro casamento, Izabel do Sacramento. Do segundo matrimônio, além de Nísia, nasceram dois filhos, Clara e Joaquim.

A vida de Nísia Floresta poderia traduzir-se como um verdadeiro “périplo”. No Brasil, morou em diferentes lugares, e na Europa, residiu na França e viajou por vários países.

Entre o seu nascimento, em 1810, e a data de sua primeira viagem à Europa, 1849, Nísia já havia morado no sítio Floresta, (no povoado de Papari, no Rio Grande do Norte, que foi local de seu nascimento), em Goiana e Olinda, na Província de Pernambuco, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Em razão da Revolução de 1817 e da perseguição aos portugueses, seu pai, de origem lusitana, resolveu se mudar para Goiana, onde permaneceu com a família até 1819, quando voltaram para Papari. Em 1823, quando Nísia Floresta tinha 13 anos, casou-se com Manuel Alexandre Seabra de Melo, mas abandonou o marido poucos meses depois do casamento, sendo perseguida por este, que a acusava de adultério. Em 1824, a família se mudou novamente para Goiana, e houve quem afirmasse que a mudança teve como causa o fato de Nísia ter rompido o casamento. Em outra versão, a mudança para Goiana teria se dado em razão da Confederação do Equador e das ameaças sofridas pelo pai de Nísia Floresta por ser de origem portuguesa. Esta é também a justificativa apontada pela própria Nísia Floresta. Foi em Goiana que Nísia desenvolveu inicialmente sua formação intelectual, aprimorando os primeiros estudos iniciados anteriormente e que se davam a cargo de seu próprio pai.

De Goiana, a família partiu para Olinda. A permanência nesta cidade foi marcada por alguns fatos relevantes. Os dois primeiros se referem ao plano pessoal: em 1828 faleceu seu pai, sendo vítima de um assassinato. À mesma época, Nísia Floresta estabelecia uma relação afetiva com um jovem acadêmico, o estudante de Direito Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem passou a conviver e a quem lembraria, por toda a sua vida e em seus escritos, como seu verdadeiro marido. Naquela cidade, teve com ele sua primeira filha, Lívia, nascida em 1830 e que seria a sua companheira de viagem pela Europa. Também em Olinda abriam-se as portas de um caminho irreversível para Nísia: foi aí que começou a escrever e a publicar suas obras. Em 1831 publicou, no jornal *Espelho das Brasileiras*, e no ano seguinte veio à tona o livro que lhe traria notoriedade, a suposta “tradução livre” do *Vindication of Rights of Woman*, da feminista inglesa Mary Wollstonecraft, intitulado por Nísia como *Direito das mulheres e injustiça dos homens*.

O ano de 1832 foi também o de sua mudança para Porto Alegre, acompanhada da família. Vida e morte marcaram o período em que Nísia Floresta permaneceu em Porto Alegre. No mesmo ano de 1833, nasceu seu segundo filho e logo perdeu seu marido, que faleceu repentinamente, aos 25 anos de idade. Em 1837 transferiu-se para o Rio de Janeiro. As causas da mudança teriam sido as tensões e instabilidades políticas ocasionadas na região pela Revolução Farroupilha.

No Rio de Janeiro, se dedicou à educação das jovens, fundando, em 1838, o Colégio Augusto, voltado para a educação feminina. Além disso, publicou obras de caráter doutrinário, em que abordava a temática feminina, destacando o papel da maternidade na educação dos filhos e assinalando a importância da educação feminina.

Nesta fase de sua vida, também teria se envolvido em questões políticas: em 1842, Nísia Floresta teria se pronunciado a favor das ideias republicanas e abolicionistas. Corrobora esta perspectiva, o fato de Nísia Floresta ter publicado um livro, em 1849, intitulado *A Lágrima de um Caeté*, no qual enaltece os liberais da Revolução Praieira, no mesmo momento em que a revolta era reprimida pelo governo imperial em Pernambuco. Esta publicação, que foi censurada pelo Governo Imperial por defender o republicanismo e se opor, assim, aos interesses do regime monárquico, foi apontada como uma das razões por que Nísia Floresta resolveu deixar o país, no final do ano de 1849. Entretanto, a versão sustentada pela própria Nísia Floresta a respeito do motivo de sua viagem de 1849 é a de que a filha, que sofrera um acidente de cavalo e se ferira gravemente, precisava, segundo recomendações médicas, se afastar do “clima exasperante do Rio de Janeiro”.

Após 12 anos de permanência no Rio de Janeiro, com a idade de 39 anos, Nísia Floresta iniciou seu périplo em terras estrangeiras, realizando a primeira de uma sequência de viagens à Europa. Em 1849, embarcava para Paris com os dois filhos, local em que permaneceria até 1852. Deste período na Europa, sabe-se que Nísia Floresta assistiu às conferências proferidas por Auguste Comte, em seu “Curso de História Geral da Humanidade”, ministradas no *Palais Cardinal*. Em agosto de 1851, partiu para Portugal, onde permaneceu até janeiro do ano seguinte, quando retornou ao Brasil.

No Rio de Janeiro, publicou, em 1853, o *Opúsculo Humanitário*, no qual realiza um estudo, em 62 artigos, sobre a mulher e a emancipação feminina em diferentes sociedades históricas, da Antiguidade até o século XIX. Parte destes artigos já tinham sido publicados, neste ano, no *Diário do Rio de Janeiro.* Além deste, publicou versos e crônicas no periódico *O Brasil Ilustrado*.

Depois de quatro anos vivendo no Rio de Janeiro, em abril de 1856, embarcou novamente para a França, acompanhada apenas da filha, desta vez para permanecer por mais tempo. Os motivos da partida para a França não são comentados nem por Nísia Floresta, nem por seus estudiosos, mas vale lembrar dois acontecimentos desta época que podem ter influenciado sua decisão. Em 1855, sua mãe faleceu no Rio de Janeiro, fato que é reiteradamente recordado nos seus textos de viagem; além disso, no ano seguinte, o Colégio Augusto, que tinha sido fundado por Nísia em 1838, foi fechado.

Nísia Floresta radicou-se em Paris e, em agosto de 1856, empreendeu uma curta viagem à Alemanha. Menos de dois anos depois de seu retorno da Alemanha, realizou uma nova viagem, desta vez mais longa: durante três anos, de 1858 a 1861, viajou pela Itália e pela Grécia. Foram destas duas viagens que se originaram dois relatos.

Tendo retornando da Itália para Paris, Nísia Floresta permaneceu nesta cidade até 1872, quando, depois de 16 anos de ausência, voltou para o seu país de origem. Pelo que descreve a prória autora, o clima de instabilidade na França, com a Comuna de Paris, foi a principal razão que a fez retornar temporariamente ao Brasil.

 Antes de retornar ao Brasil, entretanto, passou ainda pela Inglaterra e por Portugal. Desta vez, separou-se de sua filha, então com 42 anos, que permaneceu com uma família de Lisboa, onde se encarregou da educação de duas jovens.

 O ano de 1875 marcou seu regresso definitivo para a Europa. Depois de passar novamente pela Inglaterra e por Portugal, retornou à França. Em 1878 estabeleceu-se em Rouen, onde viveu até os seus últimos dias. Em 1885, morreu, de pneumonia, como uma personagem desconhecida.

 Além de desconhecida, consta que Nísia Floresta teria também morrido na pobreza.